



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.013



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A CONFRONTAÇÃO DE AGOSTINHO DE HIPONA AO CETICISMO FILOSÓFICO: UMA ANÁLISE DE “CONTRA OS ACADÊMICOS”

Agostinho of Hippo's Confrontation with Philosophical Skepticism: An Analysis
of “Against the Academicians”

Jonathan Batista Maximo Salgado¹

RESUMO

Agostinho de Hipona, em sua obra *Contra os Acadêmicos*, confronta o ceticismo filosófico com uma argumentação sólida, rejeitando a ideia de que a verdade é inatingível. Ele contesta a posição cética de que o conhecimento humano é limitado e relativo, sustentando que a verdade pode ser conhecida através da fé. Agostinho reconhece a existência de dúvidas e incertezas, mas argumenta que essas podem ser superadas por meio da confiança em Deus. Ao enfatizar a importância da fé como fundamento para o conhecimento, ele propõe uma visão de mundo que transcende as limitações do ceticismo e oferece uma base sólida para a busca da verdade. Agostinho destaca que a razão humana, quando aliada à fé, é capaz de alcançar um entendimento mais profundo da realidade e das verdades eternas. Sua apologia não apenas desafia os argumentos céticos, mas também promove uma visão integradora que reconcilia a razão e a fé, oferecendo uma resposta convincente aos desafios do ceticismo filosófico. Este estudo contribui para compreensão da resposta agostiniana ao ceticismo, promovendo uma visão integradora que reconcilia razão e fé, enfrentando os desafios contemporâneos do ceticismo filosófico.

Palavras-chave: Agostinho. Contra os Acadêmicos. Verdade. Ceticismo. Apologética.

¹ Bacharel em Teologia pela FACETEN; Doutorando e Mestre em Teologia pela PUC-Rio; Mestrando em Filosofia pela UFF; Professor de Teologia da FABAT. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5029-9767> - E-mail: jonathanbmsalgado@gmail.com

ABSTRACT

Augustine of Hippo, in his work *Against the Academicians*, confronts philosophical skepticism with a solid argumentation, rejecting the idea that truth is unattainable. He challenges the skeptical position that human knowledge is limited and relative, maintaining that truth can be known through faith. Augustine recognizes the existence of doubts and uncertainties, but argues that these can be overcome through trust in God. By emphasizing the importance of faith as the foundation for knowledge, he proposes a worldview that transcends the limitations of skepticism and offers a solid basis for the search of truth. Augustine highlights that human reason, when allied with faith, is capable of achieving a deeper understanding of reality and eternal truths. His *apologia* not only challenges skeptical arguments, but also promotes an integrative view that reconciles reason and faith, offering a convincing response to the challenges of philosophical skepticism. This study contributes to the understanding of Augustine's response to skepticism, promoting an integrative view that reconciles reason and faith, facing the contemporary challenges of philosophical skepticism..

Keywords: Augustine. *Against the Academicians*. Truth. Skepticism. Apologetics.

INTRODUÇÃO

O período patrístico é marcado por grande reflexão teológica e filosófica sobre a fé cristã. Nesse momento histórico, grandes nomes se destacaram e contribuíram com o desenvolvimento da fé e da reflexão que decorre dela. Uma das figuras mais proeminentes do período é, sem dúvida, Agostinho de Hipona. Reconhecido por sua contribuição para o pensamento, é estudado até os dias atuais nas mais diversas categorias de pensamento, como: teologia, filosofia, pedagogia e ciência política, para citar algumas. Nas áreas de Teologia e Filosofia, Agostinho fez muitas contribuições, uma delas, certamente, sobre o elemento da união entre fé e razão. Sua primeira contribuição neste assunto foi em sua obra *Contra os Acadêmicos*, escrita após sua conversão, durante um retiro filosófico que viveu com alguns amigos e familiares.

De acordo com John Heil, o confronto de Agostinho com o ceticismo em *Contra os Acadêmicos* é de grande importância e merece destaque. Ele destaca que a complexidade do raciocínio elaborado por Agostinho ultrapassa em muito o reconhecimento de muitos comentaristas. Essa relevância se manifesta ao introduzir uma nova abordagem sobre os aspectos morais e epistemológicos do ceticismo, potencialmente oferecendo uma refutação convincente da doutrina cética.²

O ceticismo filosófico tem sido uma força significativa ao longo da história da filosofia, desafiando a capacidade humana de alcançar a verdade e o conhecimento absoluto. Desde os primeiros filósofos gregos até os pensadores modernos, a dúvida sistemática sobre a possibilidade de obter conhecimento verdadeiro tem permeado diversos períodos e escolas de pensamento, promovendo uma postura de contínua investigação e incerteza. Agostinho

² HEIL, John. Augustine's attack on skepticism: the *contra academicos*. *Harvard Theological Review*, 65 (1972), p. 99.

de Hipona, em sua obra *Contra os Acadêmicos*, apresenta uma resposta vigorosa a esse ceticismo, argumentando que a verdade não é inatingível, mas pode ser conhecida através da fé, que serve como um meio seguro para alcançar o conhecimento. Ele defende que, embora os sentidos e a razão humana possam ser falíveis, a fé em Deus oferece uma base firme e infalível para a verdade. Neste artigo, examinar-se-á a abordagem de Agostinho em confrontar o ceticismo, destacando sua ênfase na fé como fundamento para o conhecimento e sua visão integradora que reconcilia razão e fé, demonstrando como sua perspectiva influenciou o desenvolvimento da filosofia medieval e moldou o pensamento ocidental sobre a relação entre fé e razão, com implicações profundas para a ética, teologia e epistemologia.

O presente texto tem por objetivo percorrer o pensamento de Agostinho de Hipona e sua apologética contra o ceticismo de seu tempo, tendo como fonte principal, mas não exclusiva, sua obra *Contra os Acadêmicos*. O pensamento cético ao longo da história, ora mais vigoroso, ora menos, tem se mostrado desafiador no assunto do conhecimento da verdade de forma absoluta, e Agostinho, em resposta a essa corrente, oferece uma robusta defesa da possibilidade de conhecimento verdadeiro, fundamentada na fé cristã. Para explorar essa defesa, o texto seguirá de uma ambientação da obra anteriormente citada, situando-a no contexto histórico e filosófico em que Agostinho escreveu, passando por uma análise dos argumentos do bispo de Hipona contra os acadêmicos, focando na questão epistêmica e nas críticas ao ceticismo radical. Além disso, o estudo examinará a relação entre fé e razão na argumentação de Agostinho, destacando como ele integra essas duas dimensões para oferecer uma visão coerente e abrangente que transcende as limitações do ceticismo. Este exame visa contribuir para a reflexão no campo teológico, filosófico e apologético, elucidando como a abordagem agostiniana proporciona uma síntese entre o conhecimento racional e a fé cristã, promovendo um diálogo profundo e relevante entre ceticismo e crença religiosa.

1. CONTRA OS ACADÊMICOS E A QUESTÃO CÉTICA

A história de vida e conversão de Agostinho é marcada por muitos movimentos, tanto intelectuais e religiosos, como de deslocamento geográfico. Nasceu no norte da África, Tagaste (354 d.C.), estudou em Madauro, Cartago, foi para Roma, viveu em Milão, voltou para África para virar monge e se tornou bispo em Hipona. Esse movimento geográfico marcou seu humor intelectual, assim como sua experiência religiosa. Estudou retórica, se apaixonou por filosofia, foi Maniqueu até viver uma frustração com sua doutrina, caminhou com o ceticismo, se converteu intelectual e espiritualmente à fé cristã.³

Para o presente texto, é importante sinalizar a passagem de Agostinho pelo pensamento cético. O período de ceticismo na vida de Agostinho é curto, mas significativo, pois influenciou profundamente seu desenvolvimento intelectual e espiritual.⁴ O próprio menciona esse fato em seus escritos, destacando como, por um tempo, encontrou no ceticismo um refúgio

³ VIGINI, Giuliano. **Santo Agostinho**: a aventura da graça e da caridade. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 74.

⁴ KING, Peter. Agostinho sobre o conhecimento. In: MECONI, David Vincent; STUMP, Eleonore (Org.). **Agostinho**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016, p. 182.

intelectual. Ele escreve: “Inicialmente quando eu vendia essas ideias [pensamento cético], pareceu-me, como é natural, que era um refúgio admiravelmente coberto e definido”.⁵ Este período de ceticismo foi uma fase em que Agostinho explorou a dúvida sistemática e a busca pela verdade, antes de encontrar na fé cristã a base sólida para seu conhecimento e convicções. Essa experiência cética, embora breve, contribuiu para moldar sua abordagem crítica e reflexiva, que ele posteriormente utilizou para refutar o próprio ceticismo e afirmar a possibilidade de alcançar a verdade através da fé e da razão.

“Embora a dúvida cética talvez fosse uma ferramenta útil para refutar o materialismo dos estoicos e maniqueístas, tornou-se perigosa quando usada como um fim em si, pois cortava a possibilidade de discussão racional”.⁶ Contra essa visão do ceticismo, o Bispo de Hipona se coloca firmemente. Para Agostinho, a procura da verdade não é apenas um exercício intelectual, mas um objetivo essencial da vida humana, pois ela é um bem que não pode ser retirado, sendo permanente, Deus é esse bem que traz felicidade plena.⁷ Ele argumenta que a felicidade genuína reside não apenas na busca incessante pela verdade, mas em realmente encontrá-la. Para ele, estar de posse da verdade é a verdadeira fonte de felicidade, e essa verdade é alcançada através de uma combinação de fé e razão. Assim, ele critica o ceticismo extremo por sua incapacidade de proporcionar uma conclusão satisfatória à busca humana pelo conhecimento, afirmando que a verdade é acessível e que sua posse é fundamental para a realização e bem-estar do indivíduo.

O pensamento cético, que questiona o assentimento à verdade, é desafiado por Agostinho em sua obra *Contra os Acadêmicos*. Neste texto, ele sustenta a importância do assentimento à verdade como um elemento fundamental em sua epistemologia. Escrita em formato de diálogo, esta obra surge imediatamente após Agostinho ter passado por um retiro contemplativo em Cassiciaco, logo após sua conversão. Esse contexto é crucial, pois reflete um período de intensa reflexão e reavaliação de suas crenças, no qual ele se afastou do ceticismo que brevemente adotara. Em *Contra os Acadêmicos*, Agostinho argumenta que o ceticismo, ao negar a possibilidade de certeza, impede a verdadeira compreensão e felicidade, que só podem ser alcançadas através do reconhecimento e assentimento à verdade. Esta obra não só reflete a nova orientação filosófica e teológica de Agostinho, mas também estabelece a base para sua visão integradora de fé e razão, no qual o conhecimento verdadeiro é visto como alcançável e essencial para a realização humana.

2. A ARGUMENTAÇÃO DE AGOSTINHO CONTRA O CETICISMO

No livro III, 10, 23 do *Contra os Acadêmicos*, Agostinho desenvolve uma série de proposições retóricas para ilustrar suas ideias diante de Licêncio e dos outros participantes do diálogo. Ao discutir a natureza das proposições disjuntivas ou contraditórias, Agostinho

⁵ AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). **Contra os acadêmicos, a ordem, a grandeza da alma, o mestre**. São Paulo: Paulus, 2008, 3, XV, p. 34.

⁶ HEIL, 1972, p. 100.

⁷ AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). **Solilóquios; a vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998, II, p. 11.

destaca a clareza distintiva de cada parte da disjunção, enfatizando que elas não podem ser confundidas com o falso. Sua posição é firme: cada alternativa em uma disjunção é discernível e clara por si só.

Ele rejeita firmemente a sugestão de que alguém deva optar por uma das partes da contradição. Tal escolha, para Agostinho, equivale a afirmar algo do qual não se tem certeza. Ele argumenta que é mais prudente suspender o julgamento em vez de assumir uma posição incerta. Essa abordagem, ele sugere, preserva a integridade do conhecimento, evitando a precipitação de conclusões duvidosas.

Ao empregar essas proposições retóricas, Agostinho não apenas desafia as concepções dos acadêmicos sobre o conhecimento e a certeza, mas também propõe uma reflexão mais profunda sobre a natureza da verdade e do julgamento humano. Ele destaca a possibilidade de se ter conhecimento das proposições disjuntivas, mesmo quando sua verdade permanece em suspenso. Agostinho defende que a dúvida não invalida o conhecimento potencial, mas sim sinaliza uma abordagem mais cautelosa e criteriosa em relação ao entendimento das questões filosóficas.⁸

Além disso, Agostinho desafia diretamente a noção de que tais questões não pertencem ao domínio da filosofia. Ele argumenta que aqueles que negam a possibilidade de conhecimento nessas áreas revelam sua própria falta de compreensão sobre elas. Sua defesa da capacidade humana de compreender e discernir mesmo nas áreas mais incertas da filosofia destaca sua confiança na razão e na capacidade inata do ser humano de buscar a verdade. Para isso, argumenta munido da dialética, compreendida contemporaneamente como lógica, que o sábio tem informação e formação suficiente para não ficar perpetuando a ideia de que a verdade não pode ser alcançada.⁹

Outro argumento levantado por Agostinho como contraponto contra o ceticismo e seu não assentimento à verdade é a própria dúvida ou a possibilidade de estar enganado, por isso não dar assentimento. Como observa Pereira Júnior, Agostinho utiliza um axioma poderoso, "*Si fallor, sum*" (se me engano, existo), como elemento de conhecimento de uma verdade indubitável.¹⁰ Este axioma, que antecede o famoso "*Cogito, ergo sum*" de Descartes, serve como uma fundação sólida contra o ceticismo radical. Ao afirmar "*Si fallor, sum*", Agostinho argumenta que o próprio ato de duvidar implica a existência do sujeito que duvida. Em outras palavras, a capacidade de errar ou se enganar confirma a própria existência do ser pensante. Este insight refuta a posição cética de que nenhuma verdade pode ser conhecida, demonstrando que, pelo menos uma verdade — a própria existência do indivíduo que dúvida — é absolutamente certa. Assim, Agostinho estabelece que o assentimento à verdade não é apenas possível, mas necessário, começando com a verdade fundamental da própria existência. Essa abordagem fortalece sua defesa da fé e da razão como caminhos

⁸ AGOSTINHO, 2008, XIII, p. 29.

⁹ AGOSTINHO, 2008, XIII, p. 29.

¹⁰ PEREIRA JÚNIOR, Antonio. **A superação da superação**: apropriação / superação da dúvida acadêmica na busca da verdade na filosofia da interioridade de Santo Agostinho. 2017, p. 19.

complementares para a obtenção do conhecimento, proporcionando uma base filosófica robusta contra o ceticismo e afirmando a possibilidade de alcançar a verdade e, por conseguinte, a felicidade.

“Aos olhos dos agostinianos, a serenidade dos cétricos não passa de frieza, de uma incompreensível ausência de ardor no desejo pela verdade”.¹¹ Esta visão crítica dos cétricos complementa o argumento anterior sobre o assentimento à verdade. Para Agostinho, a postura cética, ao evitar qualquer compromisso com a verdade, representa uma falha profunda na busca humana pelo conhecimento e pela realização plena. Enquanto os cétricos se orgulham de sua serenidade e desapaixonamento diante da dúvida, Agostinho e seus seguidores veem essa atitude como uma falha, uma falta de entusiasmo e empenho na busca pela verdade. A verdade, para os agostinianos, é algo que deve ser perseguido com ardor e paixão, pois é através dela que se alcança a verdadeira felicidade e compreensão.¹² A frieza cética, portanto, é vista como uma renúncia à própria essência do ser humano como buscador da verdade. Ao contrastar essa apatia cética com o fervor agostiniano, fica claro que, para Agostinho, a busca pelo conhecimento não é meramente uma atividade intelectual, mas uma missão existencial que exige dedicação e compromisso. Esse fervor é fundamentado na crença de que o assentimento à verdade, como exemplificado no axioma *“Si fallor, sum”*, é não apenas possível, mas essencial para a realização humana. Dessa forma, a crítica à serenidade cética sublinha a importância de uma abordagem apaixonada e comprometida na busca pela verdade, uma abordagem que Agostinho defende como vital para alcançar o verdadeiro conhecimento e a felicidade duradoura.

3. A IMPORTÂNCIA DA FÉ NA EPISTEMOLOGIA AGOSTINIANA

A obra e o pensamento de Agostinho ecoam profundamente a relação entre sabedoria e felicidade, no qual a busca e encontro da primeira é inseparável da realização da segunda. Desde sua juventude, Agostinho foi impulsionado por um ardor incomum, um desejo fervoroso por sabedoria que ansiava pela promessa de uma existência plena e feliz. Essa busca ardente, iniciada aos dezenove anos com a leitura do Hortênsio, persistiu ao longo de sua vida, amadurecendo e se refinando com o tempo.¹³

Aos trinta anos, Agostinho ainda mantinha intacta essa caracterização de ardor juvenil, indicando a continuidade de sua busca inabalável pela sabedoria genuína e pela felicidade autêntica. No entanto, ele reconheceu que tal desejo não seria saciado pelas correntes filosóficas prevalentes de seu tempo, como o maniqueísmo, o ceticismo ou o platonismo.¹⁴ Para Agostinho, a verdadeira sabedoria e a felicidade duradoura residiam em outro lugar,

¹¹ LOQUE, Flavio Fontenelle. Ceticismo, verdade e vida. **Cadernos Espinosanos**: Estudos sobre o Século XVII, n. 40, jan-jun, 2019, p. 116.

¹² AGOSTINHO, 2008, 2, IX, p. 23.

¹³ AGOSTINHO, 1998, I, p. 4.

¹⁴ LOQUE, 2019, p. 114.

além dos limites da razão humana e das especulações filosóficas, mesmo que estas fossem importantes no processo de alcance da satisfação plena.

Em seu pensamento, Agostinho destaca a importância central da fé em sua epistemologia. Para ele, “[a fé] encontra suas razões no conteúdo principal da crença, pois diz respeito a Deus, que transcende o conhecimento humano, e à “economia temporal”, centrada na encarnação, que se encontra na liberdade de Deus”¹⁵, aliando assim, a importância da revelação. Relação importante para o autor. Ele escreve:

Mas foi necessário que passassem muitos séculos e discussões para que se elaborasse, segundo julgo, um só sistema de filosofia perfeitamente verdadeira. Esta filosofia não é a deste mundo, que nossos mistérios com toda razão abominam, mas de outro mundo inteligível, ao qual a sutileza da razão jamais teria levado as almas cegas pelas multiformes trevas do erro e soterradas sob a enorme massa das impurezas corporais, se o sumo Deus, movido de misericórdia pelo seu povo, não tivesse inclinado e abaixado até o corpo humano a autoridade do Intelecto divino, de tal sorte que, excitadas não só pelos preceitos mas também pelas obras pudessem, mesmo sem as disputas, entrar em si mesmas e olhar para a pátria.¹⁶

A possibilidade de conhecimento da verdade é uma manifestação amorosa e dadivosa de Deus. Pois tanto se revelada, como capacita com fé para a compreensão da verdade mediada por sua revelação. Aqui, a fé não é vista como um obstáculo à razão, mas como sua aliada e complemento, guiando o intelecto humano para além de seus próprios limites, em direção à fonte de toda sabedoria e felicidade.

Para Agostinho, a fé não é apenas uma crença passiva, mas um compromisso ativo e transformador, que informa e ilumina todo o processo de busca pelo conhecimento. É através da fé que a mente humana encontra a capacidade de transcender suas próprias limitações e se abrir para a verdadeira compreensão das realidades mais profundas e significativas da existência.

“O primeiro passo na via que conduz o pensamento em direção a Deus é a aceitação da revelação pela fé”.¹⁷ Esta afirmação de Gilson sobre o pensamento de Agostinho, sublinha a centralidade da fé como ponto de partida na busca pelo conhecimento divino e pela verdade última. Para o Bispo de Hipona, a razão, embora valiosa e necessária, encontra suas limitações quando se trata de compreender plenamente as verdades transcendentais. A revelação divina, portanto, é essencial, pois oferece uma base firme e segura que a razão sozinha não pode proporcionar. A fé na revelação de Deus não é vista como uma renúncia à razão, mas como um complemento indispensável que ilumina e orienta o entendimento humano. Este primeiro passo de aceitação pela fé é crucial, pois abre o caminho para um relacionamento mais profundo e significativo com o divino, permitindo que a razão opere de maneira mais

¹⁵ TESELLE, Eugène. Fé. In.: **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia** / Coordenação geral Allan D. Fitzgerald. São Paulo: Paulus, 2018, p. 438.

¹⁶ AGOSTINHO, 2008, 3, XIX, p. 42.

¹⁷ GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2.ed. São Paulo: Discurso / Paulus, 2010, p. 61.

plena e eficaz. Assim, Agostinho defende que a verdadeira sabedoria e felicidade são alcançadas quando se reconhece a necessidade de integrar fé e razão, começando pela aceitação humilde da revelação como fundamento para toda investigação filosófica e teológica.

Assim, na epistemologia agostiniana, a importância da fé não pode ser subestimada. Ela é o alicerce sobre o qual toda a estrutura do conhecimento e da sabedoria é construída, e é o caminho que conduz à verdadeira felicidade, aquela que reside na plenitude do conhecimento de Deus. Em última análise, para Agostinho, a sabedoria e a felicidade estão intrinsecamente ligadas à fé, formando um tríptico cordão que une o intelecto, a alma e o coração, na busca pela realização mais completa da humanidade.

4. RECONCILIAÇÃO ENTRE RAZÃO E FÉ

Como um dos gigantes da filosofia e teologia cristã, o Bispo de Hipona ergue-se como um farol na busca pela reconciliação entre razão e fé. Em sua jornada intelectual marcada por um profundo mergulho na dúvida acadêmica, esta não é entendida como um obstáculo, mas como o fio condutor que conduz o indivíduo à autodescoberta e à apreensão das verdades eternas que habitam em cada alma. Nesse contexto, Agostinho não enxerga a dúvida como uma negação do conhecimento, mas como um convite à transcendência, uma oportunidade de transcender as próprias limitações e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. A jornada implica em mover-se do reino da razão para o transcendental, a fé é esse salto de superação dos limites racionais.¹⁸

É nesse caminho de questionamentos e reflexões que Agostinho nos convida a trilhar, reconhecendo que a Verdade transcendente não pode ser capturada pelas estreitas margens da razão humana. Ela só se revela plenamente quando o ser humano se lança além dos limites do racional, quando dá o salto de fé que leva ao encontro do divino. Esse salto não é um abandono da razão, mas sim uma ampliação de sua capacidade de compreensão, uma expansão de horizontes que permite vislumbrar aquilo que está para além das fronteiras do conhecimento humano. Como observou Gilson, “quando Agostinho fala de inteligência, sempre pensa no resultado de uma atividade racional à qual a fé abre acesso, ou seja, na unidade indivisível que é a “a inteligência da fé”.¹⁹

Contrariando a crença dos acadêmicos e pirrônicos, assim como de muitos filósofos antigos, Agostinho não vê o ser humano como capaz, por si só e sem mediação, de alcançar a verdadeira felicidade. Para ele, a vida feliz está intrinsecamente ligada à verdadeira religião, à busca e ao encontro com o divino.²⁰ É somente através da fé que o ser humano pode alcançar a plenitude de sua existência e encontrar o sentido último de sua jornada.

A doutrina agostiniana da reconciliação entre razão e fé se desdobra em três momentos interligados e complementares. Como observa Gilson, “em sua forma acabada, a doutrina

¹⁸ PEREIRA JÚNIOR, 2017, p. 13.

¹⁹ GILSON, 2010, p. 81.

²⁰ LOQUE, 2019, p. 115.

agostiniana das revelações entre razão e a fé comporta três momentos: preparação à fé pela razão, ato de fé, compreensão do conteúdo da fé”.²¹ Primeiramente, há a preparação à fé pela razão, um processo no qual a inteligência humana é despertada e orientada para a busca da verdade. Em seguida, ocorre o ato de fé, momento em que o indivíduo, impulsionado pela razão iluminada, decide dar o salto em direção ao transcendental, abraçando a verdade revelada. Por fim, vem a compreensão do conteúdo da fé, uma etapa em que a razão e a fé se entrelaçam numa dança harmoniosa, permitindo ao crente penetrar mais profundamente nos mistérios divinos e na compreensão do plano salvífico. Escrevendo a *Consencio*, ele diz: “é razoável que a fé preceda a certa grande razão que ainda não pode ser compreendida, sem dúvida alguma antecede à fé aquela outra razão, seja qual for, que nos persuade de que a fé deve preceder à razão”.²²

Nesse sentido, a apologética de Agostinho não é apenas um exercício intelectual, mas sim uma jornada espiritual que convida o ser humano a transcender suas limitações e encontrar a plenitude de sua existência em Deus. É através da reconciliação entre razão e fé que Agostinho nos aponta o caminho para a verdadeira sabedoria e felicidade, convidando-nos a mergulhar nas profundezas do divino e a descobrir, em seu seio, a plenitude de nossa humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A epistemologia agostiniana, fundamentada na intersecção entre razão e fé, conduz a uma reflexão profunda sobre a natureza do conhecimento e sua relação com a busca pela felicidade genuína. Ao longo deste artigo, explorou-se como Agostinho aborda a importância da fé como elemento essencial na jornada do pensamento em direção a Deus e à verdadeira sabedoria.

Desde sua juventude, Agostinho foi impelido por um ardor inextinguível em busca da sabedoria que, para ele, estava intrinsecamente ligada à felicidade autêntica. Esse desejo fervoroso transcendeu as limitações das correntes filosóficas de seu tempo e o levou a reconhecer na fé o alicerce sobre o qual toda a busca pelo conhecimento deveria se fundamentar.

A fé, para Agostinho, não é uma negação da razão, mas sua complementação e elevação. É através da aceitação humilde da revelação divina que a mente encontra a capacidade de transcender seus próprios limites e alcançar uma compreensão mais profunda das verdades eternas. A fé, portanto, não apenas informa, mas transforma todo o processo de busca pelo conhecimento, conduzindo o ser humano em direção à plenitude do entendimento de Deus.

Ao reconhecer a importância da fé na epistemologia agostiniana, há o desafio, ao ser humano, de repensar a própria compreensão do conhecimento e da felicidade. Em um mundo

²¹ GILSON, 2010, p. 64.

²² AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). **Epístola 120**. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2024, p. 3.

cada vez mais dominado pela racionalidade secular, a voz de Agostinho ressoa como um lembrete poderoso da necessidade de abraçar a dimensão espiritual de nossa existência.

Em última análise, a epistemologia agostiniana convida o ser humano a transcender as estreitas fronteiras do intelecto humano e a abrir os corações à verdadeira fonte de sabedoria e felicidade. É somente através da fé que se pode vislumbrar a plenitude do conhecimento de Deus e encontrar a realização mais profunda da humanidade de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). **Contra os acadêmicos, A ordem, a grandeza da alma, o mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.

AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). **Epístola 120**. Disponível em: <https://www.augustinus.it/spagnolo/lettere/index2.htm>. Acesso em: 20 de maio de 2024.

AGOSTINHO, Santo (Bispo de Hipona, 354-430). **Solilóquios; a vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

GILSON, Étienne. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. 2.ed. São Paulo: Discurso / Paulus, 2010.

HEIL, John. Augustine's attack on skepticism: the contra academics. **Harvard Theological Review**, 65 (1972), p. 99-116.

KING, Peter. Agostinho sobre o conhecimento. In: MECONI, David Vincent; STUMP, Eleonore (Org.). **Agostinho**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

LOQUE, Flavio Fontenelle. Ceticismo, verdade e vida. **Cadernos Espinosanos: Estudos sobre o Século XVII**, n. 40, jan-jun, 2019.

PEREIRA JÚNIOR, Antonio. **A superação da superação: apropriação / superação da dúvida acadêmica na busca da verdade na filosofia da interioridade de Santo Agostinho**. 2017.

TESELLE, Eugène. Fé. In.: **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia / Coordenação geral Allan D. Fitzgerald**. São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Filosofia Medieval.

VIGINI, Giuliano. **Santo Agostinho: a aventura da graça e da caridade**. São Paulo: Paulinas, 2012.